

DOM

CAS

machado  
de assis

MIUR

RO

textos  
informativos:  
fátima  
mesquita

5ª impressão



© Panda Books

Diretor editorial  
*Marcelo Duarte*

Projeto gráfico e capa  
*Casa Rex*

Diretora comercial  
*Patth Pachas*

Diagramação  
*Vanessa Sayuri Sawada*

Diretora de projetos especiais  
*Tatiana Fulas*

Fotos  
*p. 27: © domínio público/Museu Carnavalet; p. 105: © Dornicke/CC BY-SA 4.0; p. 108: © Eduardo Rosales Gallinas/Museo del Prado; p. 138: © Manfred Richter/CC0; p. 210: © Joseph Siffred Duplessis/National Portrait Gallery; p. 262: © domínio público*

Coordenadora editorial  
*Vanessa Sayuri Sawada*

Assistente editorial  
*Olivia Tavares*

Notas  
*Fátima Mesquita*

Estabelecimento de texto  
*Ronald Polito*

Revisão  
*Beatriz de Freitas Moreira*

Impressão  
*Loyola*

Este livro foi estabelecido com base na primeira edição, de 1899, publicada por H. Garnier, Livreiro-Editor, Rio de Janeiro.

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Assis, Machado de  
Dom Casmurro / Machado de Assis. – 1. ed. – São Paulo:  
Panda Books, 2019. 368 pp. il.

ISBN: 978-85-7888-723-0

1. Romance brasileiro. I. Título.  
Bibliotecária: Vanessa Mafra Xavier Salgado – CRB-7/6644

18-53866

CDD: 808.899283  
CDU: 82-93(81)

2021

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

## O QUE É UM CLÁSSICO?

Não sei você, mas pra mim “clássico” mesmo é jogo de futebol, tipo Fla X Flu, Coringão X Porco, Brasil X Argentina. Só que, na escola, os professores de português e de literatura cismavam em dizer que “clássico” eram os livros chatos que eles queriam porque queriam que a turma toda lesse. Ah, e não bastava empurrar pra cima da gente livro velho de fala complicada que a gente mal entendia. Além disso, eles ainda queriam que a gente fizesse exercício e prova sobre os textos. Pode haver castigo maior? E por que é assim?

Na minha aventura para tentar entender esse grande mistério da humanidade, comecei checando no dicionário o que quer dizer a palavra “clássico”. A definição varia de A a Z, mas lá pelas tantas diz mais ou menos assim: “Obra que se mantém ao longo dos tempos, que se tornou um modelo de inspiração, que pela sua qualidade obteve consagração definitiva”.

Beleza. Pra mim, saber melhor o que é considerado um “clássico” já ajudava a entender muita coisa, mas não mudava a minha opinião de que os clássicos eram uns chatos de galocha! E eu segui batendo nessa tecla por muito tempo, até que resolvi reler livros que eu havia empurrado com a barriga na escola pra ver se dava para acabar com essa conversa de sempre: de que os tais “clássicos da literatura brasileira” eram uns livros mais chatos que bêbado contando sonho. E, galera, vou admitir: quanto mais eu lia, mais eu gostava do que eu lia e mais eu me espantava com isso :)

### **TUDO CONTRA, MAS O CARA ERA UM CRAQUE!**

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no dia 21 de junho de 1839, filho de um brasileiro, Francisco, pintor de paredes, e uma portuguesa dos Açores, dona Maria, lavadeira que, no entanto, morreu quando ele tinha só dez anos de idade. O menino cresceu no Morro do Livramento, na cidade do Rio de Janeiro, com o apoio da madrinha rica e da segunda mulher do Seu Francisco.

Sabia muito bem francês e latim, chegando a trabalhar como tradutor. Quando novo, descolou uns trocados vendendo

doces feitos pela madраста e engraxando sapatos. Mais tarde, fez bicos de revisor, ralou em tipografia, foi funcionário público em variadas instâncias (começando como auxiliar do auxiliar e chegando até a diretor chefe). E escreveu: crítica de teatro, poema, resenha de debate do Senado, peça teatral, contos, romances, ensaios, artigos e crônicas para jornais e revistas e ainda soluções para jogos de xadrez.

Simmmm, quando não estava lendo, escrevendo ou vendo peças de teatro, o cara gostava de encarar uma partida de xadrez. Chegou a participar do primeiro campeonato do país, e as peças que ele usou neste torneio hoje estão expostas na Academia Brasileira de Letras.

Mas nada foi fácil pro Machado. O sujeito sofria de epilepsia, uma doença neurológica sem cura e carregada de preconceito, em especial naqueles tempos, porque, de repente, o cérebro da pessoa entra meio que em curto-circuito, com uma descarga elétrica embaralhando as coisas lá dentro. O doente pode, então, falar coisas sem pé nem cabeça, o corpo pode se movimentar sem controle ou o indivíduo parece que está no mundo da lua, com o olhar perdido e fixo no nada, sem responder a nenhum estímulo, meio que ausente – ei, mas fica sussa que hoje em dia tem tratamento bem eficiente que não cura, mas controla legal a situação, deixando a pessoa viver uma vida mais tranquila.

Além disso, nosso amigo era negro e também meio gago. E, como você já deve ter sacado, bem pobre mesmo. Os pais do pai dele eram escravos alforriados que haviam trabalhado praticamente a vida toda pra família de sua madrinha. Ou seja, nosso Joaquim sofria preconceito a granel. Tipo 7 X 1. Toda hora, né? Mas era inteligente que só. Tinha esse supertalento atômico pra línguas. Aprendeu muita coisa (mas muita mesmo!) por conta própria, nos livros da biblioteca da família rica da madrinha e de tudo quanto era jeito que ele podia achar. Tinha esse apetite por aprender. Voraz mesmo.

Foi casado com uma portuguesa, quatro anos mais velha que ele, a dona Carolina Augusta Xavier de Novais. Mas eles nunca tiveram filhos. Ela morreu antes. Machado ficou depri-

daço – estava também já cego. Faleceu aos 69 anos de idade, no mesmo Rio de Janeiro onde havia nascido. Deixou seus vários livros, sua obra, que já foi traduzida e estudada por tudo quanto é canto desse planeta Terra. O que é raro, bem raro mesmo para autores brasileiros.

Ah, e um causo divertido aqui: num dos seus livros, houve um erro de impressão numa frase. Onde devia se ler “lhe cegara o juízo”, lia-se “lhe cagara o juízo”! Ih, foi um corre-corre tipo Bolt pra tentar consertar a “cegada” (rs). Juntaram lá uma pá de gente tentando corrigir livro por livro antes daquilo tudo chegar na mão dos leitores. Em grande parte a tática deu certo, mas... uns exemplares com o erro escaparam. Hehehe, maus, hein?

## **TRAIU OU NÃO TRAIU? EIS A QUESTÃO**

Esse Machado afiado usa o tema do ciúme para deitar seu olhar certeiro feito mira eletrônica e cortante feito bisturi de médico pra cima da sociedade brasileira, com suas hipocrisias e bestagens, enquanto deixa que um idoso Bento Santiago faça uma volta ao passado para explicar, no papel de narrador, como a vida fez dele um Dom Casmurro, ou seja, um cara amargo, #xatiado.

Bentinho, desde pivete, tinha essa paixão pela Capitu. Mas a mãe do cara havia feito uma promessa de fazer dele padre. Confusão daqui, confusão de lá, a mamãe resolve o dilema mandando um escravo pro seminário no lugar do filho (Oi?!). Assim, Bento vira advogado e se casa com a amandita. Tudo parecia um paraíso, mas eles queriam muito ter um filhote, e isso, no entanto, não rolava.

Ao mesmo tempo, nosso herói tem um parça, um amigo do peito, chamado Escobar, que se casa com outra dama e logo tem um pimpolho. A vida segue e Capitu também tem um filho que, segundo Bento, é simplesmente a cara de ninguém menos que o tal do Escobar.

Bento fica com essa pulga enorme só crescendo e dando coceira atrás da orelha. Mas o cara sempre foi um ciumentão; desde a adolescência ele tinha pesadelos só de pensar em Ca-

pitu com outro homem. Ou seja, o ciúme do moço tornava a imaginação dele pra lá de fértil.

E é justamente esse jogo que torna esta obra-prima de Machado de Assis tão instigante. Será que Capitu traiu mesmo Bentinho? Ou foi só a paixão cega e obcecada de Dom Casmurro que o fez acreditar nisso? Afinal, por se tratar de um livro de memórias, é a versão do narrador que está sendo contada, certo?

Mesmo 120 anos depois de sua publicação (esta obra é de 1899), até hoje resta a dúvida: Capitu traiu ou não traiu? E isso fez dessa mulher de “olhos de cigana oblíqua e dissimulada” uma das principais personagens femininas da literatura brasileira.

Como toda obra desse período, esta aqui também traz um vocabulário antigo, mofado, e por isso mesmo muitas vezes desconhecido. Para isso, me proponho a seguir ao seu lado,

**“traduzindo”** os termos mais cabeludos e dando umas pitadas de contexto, umas dicas de vídeo, de Google, pra ver se você lê sem tropicar nesses perrengues e, quem sabe, chega até a se divertir com o talento desse carioca considerado genial por muita gente do mundo todo.

Aliás, o talento desse Joaquim Maria Machado de Assis (que nasceu pobretão no Cosme Velho, bairro do Rio, era mulato nuns tempos ainda em clima de escravidão e também epilético) era tão grande que o cabra ganhou até o título informal de Bruxo do Cosme Velho. Porque o que ele faz com as palavras é quase bruxaria mesmo, de tão mágico e diferente, em especial para os padrões daqueles tempos. Então, fica aqui o convite: deixa os seus pré-conceitos de lado e... bora conferir?

 Fotos para contextualizar a cena.

 Sugestões de pesquisa na internet.

 Comentários curtos e curiosidades.

 Dicas de vídeos para assistir on-line.

Significado de palavras e expressões em **vermelho**.

*Fátima Mesquita*

# SUMÁRIO

<b>I</b>	Do título	15
<b>II</b>	Do livro	17
<b>III</b>	A denúncia	20
<b>IV</b>	Um dever amaríssimo!	24
<b>V</b>	O agregado	25
<b>VI</b>	Tio Cosme	28
<b>VII</b>	D. Glória	30
<b>VIII</b>	É tempo!	32
<b>IX</b>	A ópera	33
<b>X</b>	Aceito a teoria	37
<b>XI</b>	A promessa	38
<b>XII</b>	Na varanda	40
<b>XIII</b>	Capitu	43
<b>XIV</b>	A inscrição	47
<b>XV</b>	Outra voz repentina	49
<b>XVI</b>	O administrador interino	52
<b>XVII</b>	Os vermes	56
<b>XVIII</b>	Um plano	57
<b>XIX</b>	Sem falta	63
<b>XX</b>	Mil padre-nossos e mil ave-marias	64
<b>XXI</b>	Prima Justina	66
<b>XXII</b>	Sensações alheias	69
<b>XXIII</b>	Prazo dado	71
<b>XXIV</b>	De mãe e de servo	73
<b>XXV</b>	No Passeio Público	74
<b>XXVI</b>	As leis são belas	78
<b>XXVII</b>	Ao portão	80
<b>XXVIII</b>	Na rua	81
<b>XXIX</b>	O imperador	82
<b>XXX</b>	O Santíssimo	84
<b>XXXI</b>	As curiosidades de Capitu	89
<b>XXXII</b>	Olhos de ressaca	92
<b>XXXIII</b>	O penteado	95

<b>XXXIV</b>	Sou homem!	98
<b>XXXV</b>	O protonotário apostólico	101
<b>XXXVI</b>	Ideia sem pernas e ideia sem braços	105
<b>XXXVII</b>	A alma é cheia de mistérios	107
<b>XXXVIII</b>	Que susto, meu Deus!	110
<b>XXXIX</b>	A vocação	112
<b>XL</b>	Uma égua	116
<b>XLI</b>	A audiência secreta	118
<b>XLII</b>	Capitu refletindo	122
<b>XLIII</b>	Você tem medo?	124
<b>XLIV</b>	O primeiro filho	126
<b>XLV</b>	Abane a cabeça, leitor	130
<b>XLVI</b>	As pazes	131
<b>XLVII</b>	“A senhora saiu”	133
<b>XLVIII</b>	Juramento do poço	135
<b>XLIX</b>	Uma vela aos sábados	138
<b>L</b>	Um meio-termo	139
<b>LI</b>	Entre luz e fusco	141
<b>LII</b>	O velho Pádua	142
<b>LIII</b>	A caminho!	144
<b>LIV</b>	Panegírico de Santa Mônica	146
<b>LV</b>	Um soneto	149
<b>LVI</b>	Um seminarista	153
<b>LVII</b>	De preparação	157
<b>LVIII</b>	O tratado	158
<b>LIX</b>	Convivas de boa memória	161
<b>LX</b>	Querido opúsculo!	163
<b>LXI</b>	A vaca de Homero	165
<b>LXII</b>	Uma ponta de lago	169
<b>LXIII</b>	Metades de um sonho	172
<b>LXIV</b>	Uma ideia e um escrúpulo	174
<b>LXV</b>	A dissimulação	176
<b>LXVI</b>	Intimidade	179

<b>LXVII</b>	Um pecado	181
<b>LXVIII</b>	Adiemos a virtude	186
<b>LXIX</b>	A missa	188
<b>LXX</b>	Depois da missa	190
<b>LXXI</b>	Visita de Escobar	192
<b>LXXII</b>	Uma reforma dramática	195
<b>LXXIII</b>	O contrarregra	197
<b>LXXIV</b>	A presilha	199
<b>LXXV</b>	O desespero	201
<b>LXXVI</b>	Explicação	202
<b>LXXVII</b>	Prazer das dores velhas	204
<b>LXXVIII</b>	Segredo por segredo	205
<b>LXXIX</b>	Vamos ao capítulo	208
<b>LXXX</b>	Venhamos ao capítulo	210
<b>LXXXI</b>	Uma palavra	213
<b>LXXXII</b>	O canapé	215
<b>LXXXIII</b>	O retrato	217
<b>LXXXIV</b>	Chamado	220
<b>LXXXV</b>	O defunto	222
<b>LXXXVI</b>	Amai, rapazes!	224
<b>LXXXVII</b>	A sege	225
<b>LXXXVIII</b>	Um pretexto honesto	228
<b>LXXXIX</b>	A recusa	229
<b>XC</b>	A polêmica	230
<b>XCI</b>	Achado que consola	235
<b>XCII</b>	O diabo não é tão feio como se pinta	236
<b>XCIII</b>	Um amigo por um defunto	238
<b>XCIV</b>	Ideias aritméticas	242
<b>XCV</b>	O papa	245
<b>XCVI</b>	Um substituto	248
<b>XCVII</b>	A saída	251
<b>XCVIII</b>	Cinco anos	253
<b>XCIX</b>	O filho é a cara do pai	255

<b>C</b>	<b>“Tu serás feliz, Bentinho!”</b>	<b>258</b>
<b>CI</b>	<b>No céu</b>	<b>261</b>
<b>CII</b>	<b>De casada</b>	<b>263</b>
<b>CIII</b>	<b>A felicidade tem boa alma</b>	<b>266</b>
<b>CIV</b>	<b>As pirâmides</b>	<b>267</b>
<b>CV</b>	<b>Os braços</b>	<b>269</b>
<b>CVI</b>	<b>Dez libras esterlinas</b>	<b>271</b>
<b>CVII</b>	<b>Ciúmes do mar</b>	<b>274</b>
<b>CVIII</b>	<b>Um filho</b>	<b>276</b>
<b>CIX</b>	<b>Um filho único</b>	<b>279</b>
<b>CX</b>	<b>Rasgos da infância</b>	<b>280</b>
<b>CXI</b>	<b>Contado depressa</b>	<b>284</b>
<b>CXII</b>	<b>As imitações de Ezequiel</b>	<b>286</b>
<b>CXIII</b>	<b>Embargos de terceiro</b>	<b>288</b>
<b>CXIV</b>	<b>Em que se explica o explicado</b>	<b>291</b>
<b>CXV</b>	<b>Dúvidas sobre dúvidas</b>	<b>293</b>
<b>CXVI</b>	<b>Filho do homem</b>	<b>296</b>
<b>CXVII</b>	<b>Amigos próximos</b>	<b>298</b>
<b>CXVIII</b>	<b>A mão de Sancha</b>	<b>300</b>
<b>CXIX</b>	<b>Não faça isso, querida</b>	<b>304</b>
<b>CXX</b>	<b>Os autos</b>	<b>305</b>
<b>CXXI</b>	<b>A catástrofe</b>	<b>306</b>
<b>CXXII</b>	<b>O enterro</b>	<b>308</b>
<b>CXXIII</b>	<b>Olhos de ressaca</b>	<b>310</b>
<b>CXXIV</b>	<b>O discurso</b>	<b>311</b>
<b>CXXV</b>	<b>Uma comparação</b>	<b>313</b>
<b>CXXVI</b>	<b>Cismando</b>	<b>314</b>
<b>CXXVII</b>	<b>O barbeiro</b>	<b>316</b>
<b>CXXVIII</b>	<b>Punhado de sucessos</b>	<b>318</b>
<b>CXXIX</b>	<b>A D. Sancha</b>	<b>320</b>
<b>CXXX</b>	<b>Um dia...</b>	<b>321</b>
<b>CXXXI</b>	<b>Anterior ao anterior</b>	<b>323</b>
<b>CXXXII</b>	<b>O debuxo e o colorido</b>	<b>325</b>

<b>CXXXIII</b>	Uma ideia	328
<b>CXXXIV</b>	O dia de sábado	329
<b>CXXXV</b>	Otelo	331
<b>CXXXVI</b>	A xícara de café	333
<b>CXXXVII</b>	Segundo impulso	335
<b>CXXXVIII</b>	Capitu que entra	338
<b>CXXXIX</b>	A fotografia	341
<b>CXL</b>	Volta da igreja	342
<b>CXLI</b>	A solução	344
<b>CXLII</b>	Uma santa	345
<b>CXLIII</b>	O último superlativo	347
<b>CXLIV</b>	Uma pergunta tardia	349
<b>CXLV</b>	O regresso	351
<b>CXLVI</b>	Não houve lepra	355
<b>CXLVII</b>	A exposição retrospectiva	356
<b>CXLVIII</b>	É bem, e o resto?	358

# I

## DO TÍTULO

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de **chapéu**. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.

- Continue, disse eu acordando.
- Já acabei, murmurou ele.
- São muito bonitos.

Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava **amuado**. No dia seguinte

*Dom Casmurro foi publicado em 1899 e, naquela época, todo homem de prestígio usava chapéu e tirava o dito-cujo da cabeça sempre que ia cumprimentar alguém. Isso rolou até a Primeira Guerra Mundial, quando a galera notou que não era prático lutar ou correr para um abrigo anti-bombas e ao mesmo tempo se preocupar com um chapéu caindo e coisa e tal. E foi aí que o chapéu começou a entrar em desuso.*

*Amuado:  
mal-humorado.*

Alcunhar:  
apelidar.

**E** Enfeitaram o apelido para ele ficar mais chique, com jeito de nobreza.

entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou **alcunhando-me** Dom Casmurro. Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou. Nem por isso me zanguei. Contei a anedota aos amigos da cidade, e eles, por graça, chamam-me assim, alguns em bilhetes: “Dom Casmurro, domingo vou jantar com você”. – “Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa é a mesma da Renânia; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns 15 dias comigo”. – “Meu caro Dom Casmurro, não cuide que o dispenso do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça”.

Não consultes dicionários. *Casmurro* não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. *Dom* veio por ironia, para atribuir-me **fumos de fidalgo**. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração; se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo rancor. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto.

# II

## DO LIVRO

Agora que expliquei o título, passo a escrever o livro. Antes disso, porém, digamos os motivos que me põem a **pena** na mão.

Vivo só, com um criado. A casa em que moro é própria; fi-la construir de propósito, levado de um desejo tão particular que me vexa imprimi-lo, mas vá lá. Um dia, há bastantes anos, lembrou-me reproduzir no Engenho Novo a casa em que me criei na antiga **rua de Matacavalos**, dando-lhe o mesmo aspecto e economia daquela outra, que desapareceu. Construtor e pintor entenderam bem as indicações que lhes fiz: é o mesmo prédio assobradado, três janelas de frente, varanda ao fundo, as mesmas **alcovas** e salas. Na principal destas, a pintura do teto e das paredes é mais ou menos igual, umas grinaldas de flores miúdas e grandes pássaros que as

*As pessoas passaram uns mil anos usando a ponta de uma pena de ave molhada em tinta para escrever. Essas penas eram arrancadas do lado esquerdo de aves como águias, corujas, gaviões e perus, quando os bichos ainda estavam vivos, mas mesmo assim elas mal duravam uma semana. A coisa só começou a mudar já no final dos anos 1800, quando foi patenteada a primeira caneta-tinteiro.*

*Esta rua existe ainda hoje no Rio de Janeiro, mas com o nome de Riachuelo. Ganhou esse nome por causa da guerra maluca que travamos contra o Paraguai e que teve uma batalha famosa chamada justamente de Batalha do Riachuelo e que rolou em junho de 1865. Já o nome Matacavalos tinha a ver com os morros dali e o cansaço que eles provocavam nos animais quando eles ainda eram o principal meio de transporte no Brasil.*

*Alcova: quarto.*

Júlio César (102–44 a.C.) foi político, escritor e um importante general de Roma na Antiguidade. Morreu assassinado por um grupo em que estava seu filho adotivo Brutus. Já Otávio Augusto (63 a.C.–14 d.C.) foi o primeiro imperador romano. Era sobrinho de Júlio César. Agora, Nero (54–68 a.C.) também foi imperador por lá, mas era meio louco e ruim. Mandou matar a mãe e suas duas primeiras esposas. Acabou se suicidando. Por fim, Massinissa foi rei de uma província romana no norte da África.

**E** Casuarina é uma árvore nativa da Austrália.

**E** Metáfora para dizer que os amigos morreram.

tomam nos bicos, de espaço a espaço. Nos quatro cantos do teto as figuras das estações, e ao centro das paredes os medalhões de **César, Augusto, Nero e Massinissa**, com os nomes por baixo... Não alcanço a razão de tais personagens. Quando fomos para a casa de Matacavalos, já ela estava assim decorada; vinha do decênio anterior. Naturalmente era gosto do tempo meter sabor clássico e figuras antigas em pinturas americanas. O mais é também análogo e parecido. Tenho chacarinha, flores, legume, uma **casuarina**, um poço e lavadouro. Uso louça velha e mobília velha. Enfim, agora, como outrora, há aqui o mesmo contraste da vida interior, que é pacata, com a exterior, que é ruidosa.

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falta eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não aguenta tinta. Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a mim. Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram **estudar a geologia dos campos-santos**. Quanto às amigas, algumas datam de 15 anos, outras de menos, e quase todas creem na mocidade. Duas ou três fariam crer nela aos outros, mas a língua que falam obriga muita vez a consultar os dicionários, e tal frequência é cansativa.

Entretanto, vida diferente não quer dizer vida pior; é outra coisa. A certos respeitos, aquela vida antiga aparece-me despida de muitos encantos que lhe achei; mas é também exato que perdeu muito espinho que a fez molesta, e, de memória, conservo alguma recordação doce e feiticeira. Em verdade, pouco apareço e menos falo. Distrações raras. O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; como bem e não durmo mal.

Ora, como tudo cansa, esta monotonia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembrou-me escrever um livro. Jurisprudência, filosofia e política acudiram-me, mas não me acudiram as forças necessárias. Depois, pensei em fazer uma *História dos subúrbios*, menos seca que as memórias do padre Luiz Gonçalves dos Santos, relativas à cidade; era obra modesta, mas exigia documentos e datas, como preliminares, tudo árido e longo. Foi então que os bustos pintados nas paredes entraram a falar-me e a dizer-me que, uma vez que eles não alcançavam reconstituir-me os tempos idos, pegasse da pena e contasse alguns. Talvez a narração me desse a ilusão, e as sombras viessem perpassar ligeiras, como ao poeta, não o do trem, mas o do **Fausto**: *Aí vindes outra vez, inquietas sombras...?*

Fiquei tão alegre com esta ideia, que ainda agora me treme a pena na mão. Sim, Nero, Augusto, Massinissa, e tu, grande César, que me incitas a fazer os meus comentários, agradeço-vos o conselho, e vou deitar ao papel as **reminiscências** que me vierem vindo. Deste modo, viverei o que vivi, e assentarei a mão para alguma obra de maior tomo. Eia, comecemos a evocação por uma célebre tarde de novembro, que nunca me esqueceu. Tive outras muitas, melhores, e piores, mas aquela nunca se me apagou do espírito. É o que vais entender, lendo.

8 Livro escrito pelo alemão Goethe (1749-1832), em que o personagem-título vende sua alma para o demônio em troca de juventude eterna e um bom punhado de riquezas materiais.

Reminiscência:  
recordação.

# III

## A DENÚNCIA

**la entrar na sala de visitas, quando ouvi proferir o meu nome e escondi-me atrás da porta.** A casa era a da rua de Matacavalos, o mês novembro, o ano é que é um tanto remoto, mas eu não hei de trocar as datas à minha vida só para agradar às pessoas que não amam histórias velhas; o ano era de 1857.

– D. Glória, a senhora persiste na ideia de meter o nosso Bentinho no seminário? É mais que tempo, e já agora pode haver uma dificuldade.

– Que dificuldade?

– Uma grande dificuldade.

Minha mãe quis saber o que era. José Dias, depois de alguns instantes de concentração, veio ver se havia alguém no corredor; não deu por mim, voltou e, abafando a voz, disse que a dificuldade estava na casa ao pé, a gente do Pádua.

– A gente do Pádua?

– Há algum tempo estou para lhe dizer isto, mas não me atrevia. Não me parece bonito que o nosso Bentinho ande metido nos cantos com a filha do *Tartaruga*, e esta é a dificuldade, porque se eles pegam de namoro, a senhora terá muito que lutar para separá-los.

– Não acho. Metidos nos cantos?

– É um modo de falar. Em segredinhos, sempre juntos. Bentinho quase que não sai de lá. A pequena é uma desmiolada; o pai faz que não vê; tomara ele que as cousas corresse de maneira, que... Compreendo o seu gesto; a senhora não crê em tais cálculos, parece-lhe que todos têm a alma cândida...

– Mas, Sr. José Dias, tenho visto os pequenos brincando, e nunca vi nada que faça desconfiar. Basta a idade; Bentinho mal tem 15 anos. Capitu fez 14 à semana passada; são dous criancolas. Não se esqueça que foram criados juntos, desde aquela grande enchente, há dez anos, em que a família Pádua perdeu tanta cousa; daí vieram as nossas relações. Pois eu hei de crer...? Mano Cosme, você que acha?

Tio Cosme respondeu com um “Oral!” que, traduzido em vulgar, queria dizer: “São imaginações do José Dias; os pequenos divertem-se, eu divirto-me; onde está o **gamão**?”

– Sim, creio que o senhor está enganado.

– Pode ser, minha senhora. Oxalá tenham razão; mas creia que não falei senão depois de muito examinar...

– Em todo caso, vai sendo tempo, interrompeu minha mãe; vou tratar de metê-lo no seminário quanto antes.

– Bem, uma vez que não perdeu a ideia de o fazer padre, tem-se ganho o principal. Bentinho há de satisfazer os desejos de sua mãe. E depois a igreja brasileira tem altos destinos. Não esqueçamos que um bispo presidiu a Constituinte, e que o padre Feijó governou o império...

– Governou como a cara dele! atalhou tio Cosme, cedendo a antigos rancores políticos.

*É um jogo muito antigo que mistura estratégia e sorte, mas que teve suas regras regulamentadas em 1743 por um inglês chamado Edmund Houle. O nome vem da palavra em inglês “game”, que quer dizer “jogo”. No Brasil, há rumores de que os bandeirantes adoravam uma partidinha de gamão.*



– Perdão, doutor, não estou defendendo ninguém, estou citando. O que eu quero é dizer que o clero ainda tem grande papel no Brasil.

– Você o que quer é um capote; ande, vá buscar o gamão. Quanto ao pequeno, se tem de ser padre, realmente é melhor que não comece a dizer missa atrás das portas. Mas, olhe cá, mana Glória, há mesmo necessidade de fazê-lo padre?

– É promessa, há de cumprir-se.

– Sei que você fez promessa... mas, uma promessa assim... não sei... Creio que, bem-pensado... Você que acha, prima Justina?

– Eu?

– Verdade é que cada um sabe melhor de si, continuou tio Cosme; Deus é que sabe de todos. Contudo, uma promessa de tantos anos... Mas, que é isso, mana Glória? Está chorando? Ora esta! Pois é cousa de lágrimas?

Minha mãe assoou-se sem responder. Prima Justina creio que se levantou e foi ter com ela. Seguiu-se um alto silêncio, durante o qual estive a pique de entrar na sala, mas outra força maior, outra emoção... Não pude ouvir as palavras que tio Cosme entrou a dizer. Prima Justina exortava: “Prima Glória! prima Glória!” José Dias desculpava-se: “Se soubesse, não teria falado, mas falei pela veneração, pela estima, pelo afeto, para cumprir um dever amargo, um dever amaríssimo...”

# IV

## UM DEVER AMARÍSSIMO!

Presilha: suspensório.



Rodaque

Silogismo: raciocínio  
dedutivo, planejado.

José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às ideias; não as havendo, servir a prolongar as frases. Levantou-se para ir buscar o gamão, que estava no interior da casa. Cosi-me muito à parede, e vi-o passar com as suas calças brancas engomadas, **presilhas**, **rodaque** e gravata de mola. Foi dos últimos que usaram presilhas no Rio de Janeiro, e talvez neste mundo. Trazia as calças curtas para que lhe ficassem bem esticadas. A gravata de cetim preto, com um aro de aço por dentro, imobilizava-lhe o pescoço; era então moda. O rodaque de chita, veste caseira e leve, parecia nele uma casaca de cerimônia. Era magro, chupado, com um princípio de calva; teria os seus 55 anos. Levantou-se com o passo vagaroso do costume, não aquele vagar arrastado dos preguiçosos, mas um vagar calculado e deduzido, um **silogismo** completo, a premissa antes da consequência, a consequência antes da conclusão. Um dever amaríssimo!

# V

## O AGREGADO

Nem sempre ia naquele passo vagaroso e rígido. Também se descompunha em acionados, era muita vez rápido e **lépido** nos movimentos, tão natural nesta como naquela maneira. Outrossim, ria largo, se era preciso, de um grande riso sem vontade, mas comunicativo, a tal ponto as bochechas, os dentes, os olhos, toda a cara, toda a pessoa, todo o mundo pareciam rir nele. Nos lances graves, gravíssimo.

Era nosso agregado desde muitos anos; meu pai ainda estava na antiga fazenda de Itaguaí, e eu acabava de nascer. Um dia apareceu ali vendendo-se por médico homeopata; levava um **Manual** e uma **botica**. Havia então um andaço de febres; José Dias curou o feitor e uma escrava, e não quis receber nenhuma remuneração. Então meu

Lépido: alegre.

O médico polonês Pedro Luiz Napoleão Chernoviz estudara na França e mudou-se para o Rio de Janeiro em 1840, onde acabou escrevendo dois livros de enorme sucesso que listavam doenças e medicamentos, além de dicas práticas para o tratamento de enfermidades. Eram esses livros aí que o pessoal passou a chamar de *Manual*. E como naquela época era difícil ter médico no Brasil rural, acontecia de muita gente, assim como José Dias, andar pelo país com o *Manual* debaixo do braço tratando o povo.

Botica: caixa de remédios.

Ordenado: salário.

Estipêndio: salário,  
contribuição.

pai propôs-lhe ficar ali vivendo, com pequeno **ordenado**. José Dias recusou, dizendo que era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre.

– Quem lhe impede que vá a outras partes? Vá aonde quiser, mas fique morando conosco.

– Voltarei daqui a três meses.

Voltou dali a duas semanas, aceitou casa e comida sem outro **estipêndio**, salvo o que quisessem dar por festas. Quando meu pai foi eleito deputado e veio para o Rio de Janeiro com a família, ele veio também, e teve o seu quarto ao fundo da chácara. Um dia, reinando outra vez febres em Itaguaí, disse-lhe meu pai que fosse ver a nossa escravatura. José Dias deixou-se estar calado, suspirou e acabou confessando que não era médico. Tomara este título para ajudar a propaganda da nova escola, e não o fez sem estudar muito e muito; mas a consciência não lhe permitia aceitar mais doentes.

– Mas, você curou das outras vezes.

– Creio que sim; o mais acertado, porém, é dizer que foram os remédios indicados nos livros. Eles, sim, eles, abaixo de Deus. Eu era um charlatão... Não negue; os motivos do meu procedimento podiam ser e eram dignos; a homeopatia é a verdade, e, para servir à verdade, menti; mas é tempo de restabelecer tudo.

Não foi despedido, como pedia então; meu pai já não podia dispensá-lo. Tinha o dom de se fazer aceito e necessário; dava-se por falta dele, como de pessoa de família. Quando meu pai morreu, a dor que o punziu foi enorme, disseram-me, não me lembra. Minha mãe ficou-lhe muito grata, e não consentiu que ele deixasse o quarto da chácara; ao sétimo dia, depois da missa, ele foi despedir-se dela.

– Fique, José Dias.

– Obedeço, minha senhora.

Teve um pequeno legado no testamento, uma apólice e quatro palavras de louvor. Copiou as palavras, encaixilhou-as e pendurou-as no quarto, por cima da cama. “Esta é a melhor apólice”, dizia ele muita vez. Com o tempo, adquiriu

certa autoridade na família, certa audiência, ao menos; não abusava, e sabia opinar obedecendo. Ao cabo, era amigo, não direi ótimo, mas nem tudo é ótimo neste mundo. E não lhe suponhas alma subalterna; as cortesias que fizesse vinham antes do cálculo que da índole. A roupa durava-lhe muito; ao contrário das pessoas que enxovalham depressa o vestido novo, ele trazia o velho escovado e liso, **cerzido**, abotoado, de uma elegância pobre e modesta. Era lido, posto que de atropelo, o bastante para divertir ao serão e à sobre-mesa, ou explicar algum fenômeno, falar dos efeitos do calor e do frio, dos polos e de **Robespierre**. Contava muita vez uma viagem que fizera à Europa, e confessava que a não sermos nós, já teria voltado para lá; tinha amigos em Lisboa, mas a nossa família, dizia ele, abaixo de Deus, era tudo.

– Abaixo ou acima? perguntou-lhe tio Cosme um dia.

– Abaixo, repetiu José Dias cheio de veneração.

E minha mãe, que era religiosa, gostou de ver que ele punha Deus no devido lugar, e sorriu aprovando. José Dias agradeceu de cabeça. Minha mãe dava-lhe de quando em quando alguns **cobres**. Tio Cosme, que era advogado, confiava-lhe a cópia de papéis de autos.

*Cerzido: com costuras, remendado.*



**f** Robespierre (1758-94) foi um dos líderes da Revolução Francesa.

*Cobre: qualquer moeda.*

# VI

## TIO COSME

*Aljubes eram prisões subterrâneas, em geral usadas para padres criminosos. No Rio de Janeiro, a Cadeia do Aljube foi criada por um bispo em 1735, mas mais tarde virou uma prisão comum chamada de Cadeia da Ralação.*

Tio Cosme vivia com minha mãe, desde que ela enviuvou. Já então era viúvo, como prima Justina; era a casa dos três viúvos.

A fortuna troca muita vez as mãos à natureza. Formado para as serenas funções do capitalismo, tio Cosme não enriquecia no foro: ia comendo. Tinha o escritório na antiga Rua das

Violas, perto do júri, que era no extinto **Aljube**. Trabalhava no crime. José Dias não perdia as defesas orais de tio Cosme. Era quem lhe vestia e despia a toga, com muitos cumprimentos no fim. Em casa, referia os debates. Tio Cosme, por mais modesto que quisesse ser, sorria de persuasão.

Era gordo e pesado, tinha a respiração curta e os olhos dorminhocos. Uma das minhas recordações mais antigas era vê-lo montar todas as manhãs a **besta** que minha mãe lhe deu e que o levava ao escritório. O preto que a tinha ido buscar à cocheira, segurava o freio, enquanto ele erguia o pé e pousava no estribo; a isto seguia-se um minuto de descan-

**E** "Besta" é usado para se falar de cavalo, burro ou égua.

so ou reflexão. Depois, dava um impulso, o primeiro, o corpo ameaçava subir, mas não subia; segundo impulso, igual efeito. Enfim, após alguns instantes largos, tio Cosme enfeixava todas as forças físicas e morais, dava o último surto da terra, e desta vez caía em cima do selim. Raramente a besta deixava de mostrar por um gesto que acabava de receber o mundo. Tio Cosme acomodava as carnes, e a besta partia a trote.

Também não me esqueceu o que ele me fez uma tarde. Posto que nascido na roça (donde vim com dous anos) e apesar dos costumes do tempo, eu não sabia montar, e tinha medo ao cavalo. Tio Cosme pegou em mim e escanchou-me em cima da besta. Quando me vi no alto (tinha nove anos), sozinho e desamparado, o chão lá embaixo, entrei a gritar desesperadamente: “Mamãe! mamãe!” Ela acudiu pálida e trêmula, cuidou que me estivessem matando, **apeou-me**, afagou-me, enquanto o irmão perguntava:

– Mana Glória, pois um tamanho destes tem medo de besta mansa?

– Não está acostumado.

– Deve acostumar-se. Padre que seja, se for vigário na roça, é preciso que monte a cavalo; e, aqui mesmo, ainda não sendo padre, se quiser **florear** como os outros rapazes, e não souber, há de queixar-se de você, mana Glória.

– Pois que se queixe; tenho medo.

– Medo! Ora, medo!

A verdade é que eu só vim a aprender equitação mais tarde, menos por gosto que por vergonha de dizer que não sabia montar. “Agora é que ele vai namorar deveras”, disseram quando eu comecei as lições. Não se diria o mesmo de tio Cosme. Nele era velho costume e necessidade. Já não dava para namoros. Contam que, em rapaz, foi aceito de muitas damas, além de partidário exaltado; mas os anos levaram-lhe o mais do ardor político e sexual, e a gordura acabou com o resto de ideias públicas e específicas. Agora só cumpria as obrigações do ofício e sem amor. Nas horas de lazer vivia olhando ou jogava. Uma ou outra vez dizia **pilhérias**.

Apear: descer  
(do cavalo, do carro,  
da carroça).

Florear: se apresentar  
com elegância.

Pilhéria: piada.